



## A COISA DRAG: A EXPOSIÇÃO COMO ZONA DE COMPARTILHAMENTOS

Cristina Rovesse Azevedo<sup>1</sup>  
EBA/UFMG  
Associado/a/e ANPAP: não

Giovanna Faria Meireles<sup>2</sup>  
UFMG  
Associado/a/e ANPAP: não

Lucas Mateus Oliveira<sup>3</sup>  
UFMG  
Associado/a/e ANPAP: não

Mariana Jorge Medeiros Batista da Silva<sup>4</sup>  
UFMG  
Associado/a/e ANPAP: não

Sandro Ouriques Cardoso<sup>5</sup>  
UFMG  
Associado/a/e ANPAP: **sim**

### RESUMO

O presente trabalho analisa a exposição coletiva *A Coisa dRag* a partir de sua construção compartilhada, compreendendo a instauração do evento como o centro de uma rede de operações e relações entre os/as agentes envolvidos/as em sua realização. Estabelecendo diálogos com referenciais teóricos centrais, traz as perspectivas de Bulhões (2014) e Cury

---

<sup>1</sup> Graduanda em Artes Visuais (EBA/UFMG). Pesquisadora bolsista (ICV/PRPq/UFMG). Sua prática artística se baseia na pintura como campo de tensão e contaminação, propondo agrupamentos dessa materialidade com outros objetos cotidianos. Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/3359971158916267>.

<sup>2</sup> Graduanda em Artes Visuais (EBA/UFMG). Pesquisadora bolsista (ICV/PRPq/UFMG). Sua produção artística tem como foco questões de introspecção, desconforto, acolhimento e as formas como corpos femininos são consumidos, partindo de experiências pessoais para tratar de um trauma coletivo, por meio do desenho e da gravura. ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2804162573046549>.

<sup>3</sup> Graduando em Artes Visuais (EBA/UFMG). Pesquisador bolsista (ICV/PRPq/UFMG). Atualmente pesquisando arte no universo dos games e no universo drag, exercendo função ativa como a *drag queen* Lillia Azul. ID Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0057657443622702>.

<sup>4</sup> Graduanda em Artes Visuais (EBA/UFMG). Pesquisadora bolsista (ICV/PRPq/UFMG). Atua como arte educadora junto a movimentos sociais e investiga a memória social e o imaginário coletivo através de produções gráficas. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/7680459231300493>.

<sup>5</sup> Artista visual, professor e pesquisador (EBA/UFMG). Doutor em Artes Visuais (PPGAV/UFRGS). Desde 2003, realiza exposições individuais e participa de mostras coletivas em diversas cidades. âmbito de pesquisa, possui interesse na área de Poéticas Visuais e nas articulações entre Arte Contemporânea e Profissionalização em Arte, bem como nas relações entre Arte, Política e Sexualidade. ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3819114776376601>.



(2006) acerca das definições de exposição, Carvalho (2012) sobre suas potências como evento e Aquino (2016), sobre suas possibilidades como uma experiência compartilhada. Operando como um experimento didático-pedagógico e estimulada pelos códigos e estéticas da cultura *drag*, da elaboração do conceito curatorial aos modos de instauração e ativação no espaço expográfico, a exposição é compreendida como uma zona de experiências e acontecimentos.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Dragficação. Cultura LGBTQIA+. Exposição. Curadoria. Artes Visuais.

Envolvendo curadoria e produção cultural, a exposição *A Coisa dRag* foi realizada no Centro Cultural UFMG (Belo Horizonte/MG, 2025), sob curadoria de Sandro Ka e assistência de Elis Rockenbach. Proposta como experimento didático-pedagógico, sob a forma de ação de extensão, sua realização foi um desdobramento de um projeto pesquisa<sup>i</sup> realizado na EBA/UFMG. Reunindo 34 artistas brasileiros<sup>ii</sup>, com proposições artísticas em múltiplas linguagens, desenvolveu-se como um desdobramento à criação do conceito “dragficação”, como abordagem curatorial.

Em sua elaboração, a “dragficação” entende o *drag* como um marcador na Arte Contemporânea, presente em obras e poéticas que, em seus temas, modos operativos e elementos visuais e discursivos, tomam o fazer *drag*<sup>iii</sup> como zona de criação ou que a esse universo se associam, expondo binarismos, trânsitos, fronteiras e performatividade das identidades e do gênero. A partir do vislumbre da “dragficação” como fenômeno cultural e estimulada pelos códigos e estéticas da cultura *drag*, a pesquisa culminou na produção de uma publicação e, posteriormente, na criação da exposição, objeto deste texto, compreendida como uma zona de experiências e compartilhamentos.

Conforme Cury (2005), “[...] a exposição é o local de encontro e relacionamento entre o que o museu quer apresentar e como deve apresentar visando um comportamento ativo do público e a sua síntese subjetiva” (p. 42). Ampliando essa perspectiva, Carvalho (2012) enfatiza que uma exposição de arte vai além de seu papel apenas como plataforma de comunicação ou mediação. Ao refletir sobre a exposição como um dispositivo, a autora a compreende como “[...] resultado de uma relação de uma relação de reciprocidade entre o trabalho de arte, o lugar onde este trabalho se espacializa e o observador/interagente, em um tipo de inscrição espaço-temporal (p. 48).

Mais especificamente, no contexto das Artes Visuais, seja num museu ou galeria, como uma plataforma do sistema da arte, a exposição também cumpre duas funções mais complexas. Primeiro, a função de *circulação*, relacionada à apresentação das obras ao público; segundo, de *validação* desses objetos por seus agentes e instituições dentro de um discurso cultural (Brasil, 2017). Ela compõe uma parte do sistema da arte, um todo complexo que se autorregula dentro de um determinado contexto histórico, que inventa suas próprias regras. No tabuleiro do sistema da arte, a exposição não é só um evento: é parte de uma trama complexa operada por agentes



ligados ao campo artístico, responsáveis pela “[...] produção, difusão e consumo de objetos e eventos por eles mesmos rotulados como artísticos e responsáveis também pela definição dos padrões e limites da arte para toda uma sociedade [...]” (Bulhões, 1990 *apud* Bulhões, 2014, p. 15-16).



Imagem 1: Vista do eixo curatorial *Metamórficas*. Foto: Thalita Amorim.

Por outra via, se pensarmos no âmbito da exposição em si, também percebemos a ativação completa de outra rede de agentes. Diferentemente de estruturas validadoras, trata-se de uma rede de profissionais — ou funções — que articulam expertises envolvidas na realização de um projeto expositivo, ou seja, da concretização da exposição como evento. Uma exposição demanda a conjugação de habilidades singulares que operam em prol de sua realização. Nessa rede, pessoas assumem papéis como curador/a, produtor/a, assistente, montador/a, programador/a cultural, comunicador etc. A partir dessa premissa, analisamos a exposição *A Coisa dRag* como um mecanismo complexo que parte de uma perspectiva curatorial e se estabelece como uma rede de ações, desenvolvida por agentes, como um modo de criação compartilhada.

Acerca da curadoria, Aquino (2016) diz que processos de compartilhamento confluem práticas colaborativas à medida que implicam na necessidade de aprender a “como fazer junto”. Compreendem, assim, práticas de negociação que operam dissensos, terreno da política. Ao aproximarmos as ideias da autora ao objeto deste texto,



compreendemos que, para além de um evento de apresentação de obras e discursos no circuito artístico, a exposição pode ser pensada como uma estrutura que envolve a articulação de uma série de agentes e expertises, organizados em etapas e abertos a negociações. Construída a múltiplas mãos, o processo instaurativo da *Coisa dRag* ampliou a percepção sobre as práticas de curadoria e seus métodos de operacionalização no fazer exposição.

Nessa perspectiva, a exposição contou com uma equipe voluntária de estudantes e um time de colaboradores/as interessados/as em se aproximar das práticas de criação expositiva, sendo pensada como um vetor de distintas atividades integradas, como uma cadeia de procedimentos colaborativos de criação em arte. Assim, para além de um simples evento, a exposição passou a ser compreendida como uma zona de compartilhamentos operada por meio da produção de narrativas (curadoria), da transformação do espaço expositivo (expografia e montagem) e da proposição de estratégias de ativação (programação cultural e comunicação).

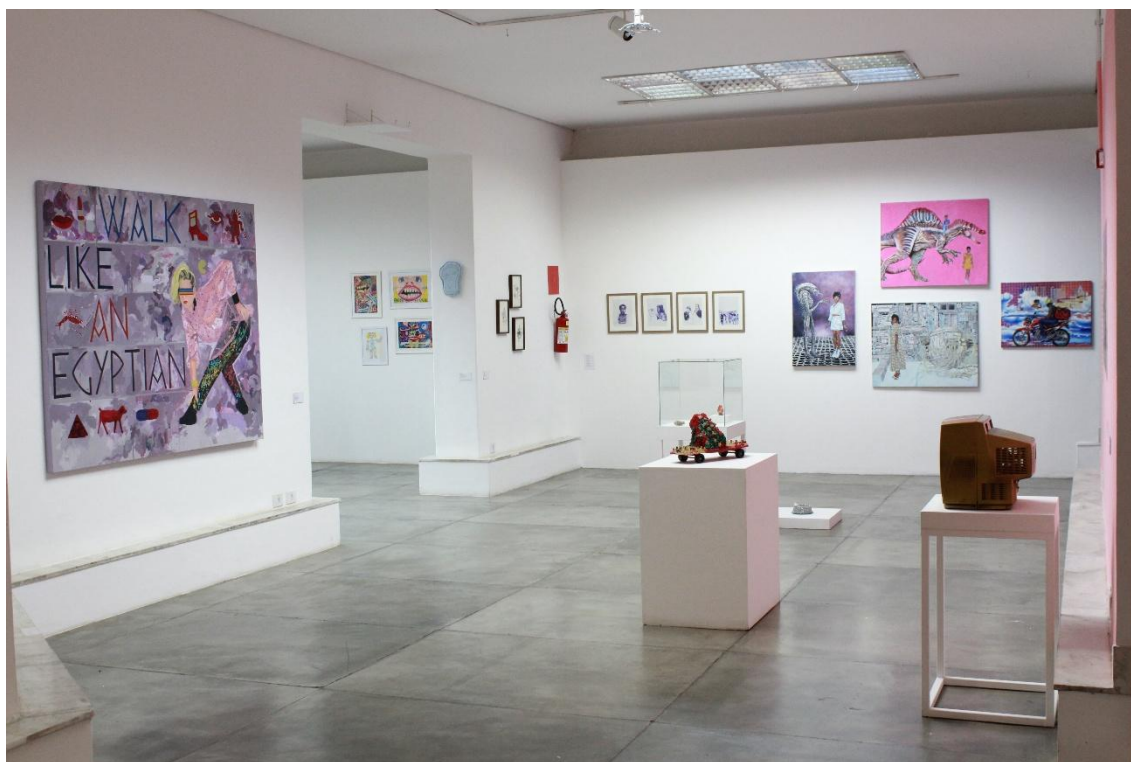


Imagem 2: Vista do eixo curatorial *Atravessamentos e Mixagens*. Foto: Thalita Amorim.

A mostra organizou-se por meio de quatro eixos curatoriais que, no espaço da galeria, também constituíram ambientes expográficos produtores de narrativas. Como um convite, o eixo *Metamórficas* abria o diálogo com o público visitante, apresentando obras que apresentavam o *drag* em seus aspectos elementares básicos, como cores, formas e materialidades (Imagem 1). Conceitualmente, o eixo parte da premissa do *deixar* — daquilo que o *drag* pode vir a ser. Na sala seguinte, o eixo *Atravessamentos*



# extremos

anpap © Encontro Nacional 2025  
FURG Rio Grande/RS

e *Mixagens*, trazia referências à cultura pop, ao *camp* e o *kitsch*, se entrelaçando à cultura LGBTQIA+ e à construção dessas identidades (Imagem 2). O fazer drag, os espaços noturnos e a sociabilidade de sujeitos LGBTQIA+ foi o tema de interesse no eixo *Lusco-Fusco* (Imagem 3). Por último, como um *grand finale*, o *Elogio Drag* encerrava o percurso, abrigando obras que se comunicam diretamente com o fazer drag e seus artistas (Imagem 4).

De modo integrado ao conceito curatorial, a expografia não se restringiu à organização funcional do local, mas operou como linguagem, na maneira em que transformou o espaço expositivo em um território de articulação de ideias e materialidades. Concebida como um percurso, das estruturas primárias à ideia de ápice drag, a circulação entre os eixos permitiu transbordamentos, fazendo com que o espaço se apresentasse como uma estrutura em contínua mutação.

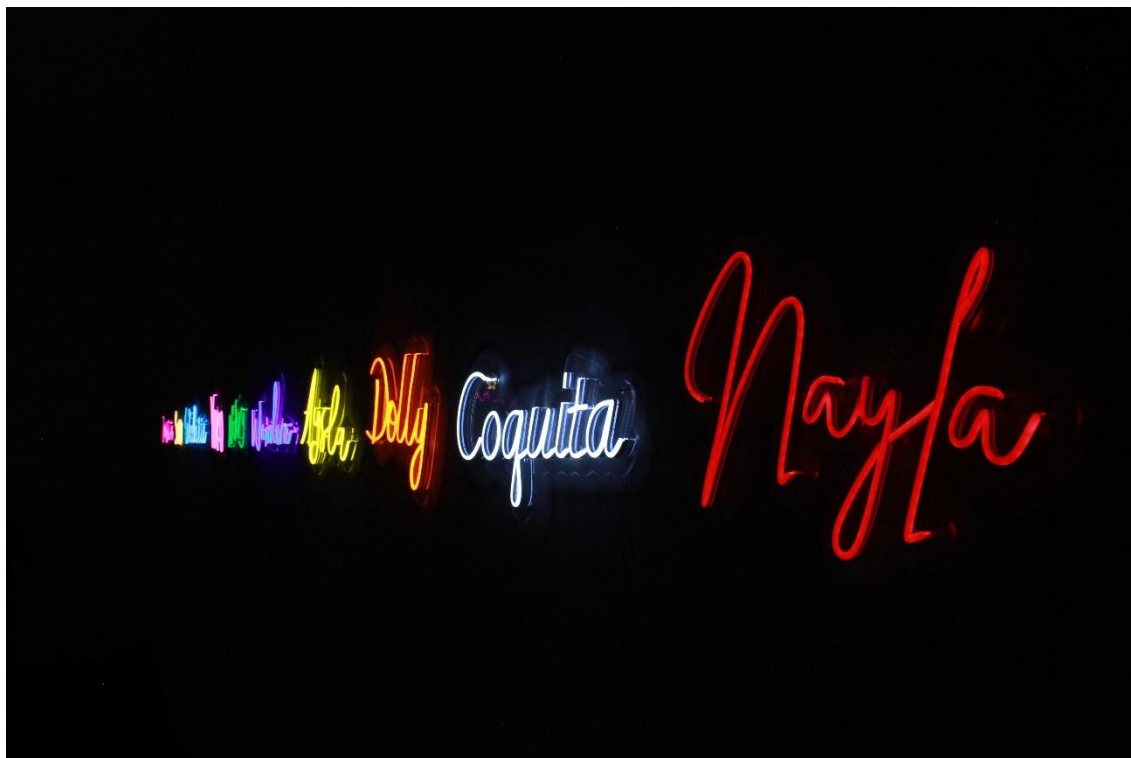


Imagem 3: Vista do eixo curatorial *Lusco-Fusco*. Foto: Thalita Amorim.



Imagem 4: Vista do eixo curatorial Elogio Drag. Foto: Thalita Amorim.

Essa articulação entre discurso e forma, presentificada entre curadoria e expografia, nos propõe a pensar na exposição como um lugar no qual aspectos simbólicos se interrelacionam, no objetivo de produzir regimes de visibilidade. Para Carvalho (2012), a exposição contemporânea deixa de ser mero suporte de apresentação para se configurar como campo de produção simbólica, onde as escolhas curatoriais, espaciais e relacionais constroem significados e subjetividades. No contexto da exposição, o espaço também foi “dragificado”.

No que diz respeito às estratégias de ativação no âmbito da comunicação, além dos veículos mais tradicionais de mídia, as redes sociais se tornaram um meio de divulgação com grande potencial. Foi criado o perfil @acoisadrag na plataforma Instagram e, para o desenvolvimento de um posicionamento digital na plataforma, foram construídas estratégias direcionadas envolvendo a identidade visual, a personificação da *Coisa dRag* como uma interlocutora real e a ambientação por meio da música. Outro fator dinâmico dessas estratégias foi a criação de uma *playlist* no Spotify, reunindo músicas de artistas relacionadas/os ao universo *drag*. Dessa forma, a comunicação imagética, textual e sonora converge para a narrativa curatorial. Por fim, no sentido de estimular a visitação durante todo o período expositivo, as atividades culturais paralelas foram tratadas como ponto central. Buscou-se, assim, a realização de visitas guiadas quinzenais, com a participação dos curadores e artistas, com foco na aproximação entre público, obras e poéticas. Como encerramento, na intenção de expandir o evento como um acontecimento junto à cidade, foi realizada a



mesa temática *Além e a partir da Coisa dRag<sup>IV</sup>*, com artistas e agentes culturais atuantes na capital mineira, com projetos e pesquisas relacionados à cena drag local.



Imagem 5: Performance de Cassandra Calabouço. Foto: Thalita Amorim.

Ainda que sob supervisão da curadoria — coordenação do projeto —, a equipe buscou estratégias de organização mais horizontalizadas, no desenvolvimento de tarefas colaborativas. De forma conjunta, buscava-se soluções e o estímulo à autonomia no desenvolvimento de tarefas era estimulado, as ideias eram lançadas ao grupo e cada membro assumia responsabilidades, incentivados/as ao desenvolvimento crítico e prático das demandas envolvidas na construção de uma exposição. Como uma ação integrada, a produção em torno da exposição evidenciou na prática a potência da ação coletiva e das estratégias de compartilhamento e “ajuda mútua” em sua realização. Como experiência formativa, no contexto didático-pedagógico, a troca de conhecimentos, o apoio na realização das tarefas e o compartilhamento de ideias e esforços, foram cruciais para que a exposição se tornasse um evento bem-sucedido, sobretudo, tratando-se de uma exposição sem recursos financeiros específicos.

Acerca da participação colaborativa, Aquino (2016) defende que a colaboração só é verdadeiramente possível por meio de uma constante invenção de modos de construir junto, em que o distanciamento cede lugar a um encontro afetivo e tátil, que se converte em reconhecimento e valorização recíprocos. Essa sinergia remete à tese de Kropotkin (2009), que demonstra como a assistência mútua é uma força motriz,



# extremos

anpap © Encontro Nacional 2025  
FURG Rio Grande/RS

tanto na natureza quanto nas sociedades humanas e que, quando estimulada — como feito na exposição — é capaz de superar desafios e alcançar objetivos comuns. Não que a exposição esteja isenta de embates e confrontos. Pelo contrário, ela é uma zona de operação de dissensos. Sua instauração é, portanto, uma arena política em si, para além das múltiplas relações disparadas pelas obras e suas temáticas. O fazer compartilhado converte a exposição em uma zona de experiências plurais, em prol de um fim comum.

Na conjugação de ideias e esforços, sua instauração produziu camadas interagentes e dinâmicas de reflexão prática, crítica e teórica: do fazer, ao sentir. Uma tentativa de escapar a lógicas desafiadoras e opressoras dos modos de fazer em arte. Um modo outro, um modo drag de fazer.



Imagem 6: Performance de Renato Morcatti (Tara Wells). Foto: Thalita Amorim.



Imagem 7: Performance de Lili Bertas (Eli Nunes). Foto: Thalita Amorim.

## Referências

AQUINO, Rita. Arte participativa, mediação cultural e práticas colaborativas: perspectivas para uma curadoria expandida. In.: *Revista Repertório*. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, número 27, páginas 90 - 103, 2016.

BRASIL. Ministério da Cultura. FONTES, Martins Bruna; MAIA, Carolina Maria (Ed.). *Guia do artista visual: inserção e internacionalização*. Brasília, DF: 2017.

BULHÕES, Maria Amélia (org.). *As novas regras do jogo: o sistema da arte no Brasil*. Porto Alegre: Zouk, 2015.

CARVALHO, Ana Maria Albani de. A exposição como dispositivo na arte contemporânea: as conexões entre o técnico e o simbólico. In.: *Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília*, Vol I, nº 2, p. 47-58, 2012.

CURY, Marília Xavier. *Exposição: Concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005.

KA, Sandro. *A Coisa dRag: Dissidência e subversão na arte contemporânea*. Belo Horizonte: Ed. dos Autores, 2024.

KROPOTKIN, Piotr. *Ajuda mútua: um fator de evolução*. São Sebastião: A Senhora Editora, 2009.



# extremos

anpap<sup>©</sup> Encontro Nacional 2025  
FURG Rio Grande/RS

## Notas

---

<sup>i</sup> Projeto *A Coisa dRag: dissidência e subversão na arte contemporânea.científica*, realizado desde 2024 (PIBIC/CNPq/PRPq/UFGM).

<sup>ii</sup> Participaram da exposição: Adriano Basilio, Amorim, André Venzon, Augusto Fonseca, Carambola, Avilmar Maia, Caio Mateus, Carambola, Carolina Sanz Cassandra Calabouço, Cavi Brandão, Cynthia Loeb, Dods Martinelli, Efe Godoy, Glau Glau, Elis Rockenbach, Hugo Houayek, Ítalo Carajá, Karine Mageste, Lai Borges, Lia Menna Barreto, Lili Bertas, Lorenzo Muratorio, Maria Carolina, Rafa Bqueer, Renato Morcatti, Rodrigo Mogiz, Sandro Ka, Sarita Themônia, Tatiana Blass, Têti Waldraff, Thix, Tolentino Ferraz e Victor Borém.

<sup>iii</sup> Modalidade artística produzida por *drags queens*, artistas transformistas e *performers*, comumente associada à Cultura LGBTQIA+, caracterizada pela linguagem cênica, a partir da apropriação, da mistura e do reprocessamento de referenciais da cultura de massa, com ênfase na dicotomia e provocações associadas às performatividades das identidades de gênero (KA, 2024).

<sup>iv</sup> Participaram do evento a artista e performer Dolly Piercing, o artista multimídia Renato Morcatti, o fotógrafo Marcelo Batista e o pesquisador Luiz Morando.